

7.05.99 - História

MEMÓRIAS DE TERREIRO EM TERRITÓRIOS DA FÉ

Roberto Carlos O. Santos¹, Noelia S. Lopes², Iuri N. Santos³, Eliene L. Silva⁴, Luciene J. Santos⁵

1. Docente/Orientador – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano.

2. Estudante, IC-EM CNPq - IF Baiano

3. Estudante, IC-EM CNPq - IF Baiano

4. Bacharel em Serviço Social, bolsista colaborada - IF Baiano

5. Estudante, bolsista colaboradora - UFRB

Resumo:

Esta pesquisa analisou as narrativas das populações rurais de terreiro de candomblé, como foram sendo construídas, no decorrer do tempo, as identidades dos sujeitos e como estas se compatibilizam com as memórias de ancestralidade de matriz africana. Os sujeitos entrevistados para apreensão das narrativas são de comunidades localizadas nas zonas rurais de cidades do Recôncavo Baiano. A metodologia para análise das narrativas foi ancorada na interpretação e categorização dos dados seguindo a Análise do Discurso (AD). O estudo possibilitou, ainda, a compreensão de que o reconhecimento dos valores religiosos de matriz africana pode vir a ser um importante instrumento de identidade e sentimento de pertencimento territorial contribuído para a resistência ao processo de intolerância religiosa.

Palavras-chave:

Identidade, Candomblé, Intolerância Religiosa

Apoio financeiro:

CNPq, Propes IF baiano, IF Baiano/Campus Governador Mangabeira, Ba.

Introdução:

Essa pesquisa teve início a partir do questionamento de estudantes da Educação Básica, Técnica e Tecnológica no Instituto Federal Baiano, Campus Governador Mangabeira, sobre a necessidade de investigar as raízes do preconceito contra as religiões de matriz africana e seus seguidores. O projeto tomou como referência estudos no campo da identidade e narrativas elaboradas por segmentos sociais subalternizados e vitimados pelo preconceito e discriminação. No campo religioso, diferentes segmentos na contemporaneidade

buscam fundamentar sua intolerância e criar hegemonias ancoradas em matrizes religiosas de base judaico-cristã interpretando os signos da religião do *Outro* a partir de seus textos e fundamentos.

O principal objetivo da pesquisa é perceber como os sujeitos de comunidades rurais de Terreiros de Candomblé forjam suas identidades e como afirmam suas memórias políticas, comunitárias e de ancestralidade na perspectiva da História Social da Antiga Vila das Cabeças, atual cidade baiana de Governador Mangabeira, fundada em 1962. A pesquisa orientou a captura de elementos da subjetividade dos sujeitos, a partir das trilhas discursivas definidoras dos seus pertencimentos e na tensão do universo de crenças religiosas entre as comunidades de terreiros e a cidade.

Metodologia:

A natureza dessa pesquisa é de caráter qualitativo. Ela se delinea como uma técnica interpretativa que visa descrever e decodificar os componentes de um determinado sistema, traduzindo e expressando o sentido do fenômeno pesquisado. Tem como uma de suas características a redução da distância entre teorias e informações, entre contexto e ação, pela obtenção de falas descritivas mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo, na busca de melhor compreender o fenômeno pesquisado a partir da perspectiva dos participantes (MINAYO, 2010).

Inicialmente como estratégia de aproximação com os sujeitos das comunidades de Terreiro foi ofertado um minicurso intitulado Mulheres e Religiosidade Afro-brasileira orientado para trinta estudantes e moradores do entorno do campus, localizado na zona rural, próxima de diversos terreiros. Na abordagem metodológica, foram escutados oito sujeitos de ambos os sexos, todos iniciados na religião do candomblé. O principal

instrumento para coleta foi a entrevista semi-estruturada. A entrevista em profundidade, como um processo de interação, possibilita a obtenção de dados subjetivos que se relacionam com os valores, atitudes e opiniões dos sujeitos. A entrevista também produz uma melhor amostra da população de interesse.

Vencida a etapa de organização e classificação do material coletado, foi feita a análise das entrevistas visando produzir interpretações e explicações que procurem dar conta, em alguma medida, do problema e das questões que motivaram a investigação.

Posteriormente, os dados foram analisados e organizados como subsídios para as categorizações e futuras ações, a exemplo da elaboração da cartilha sobre Educação e Diversidade Religiosa.

Resultados e Discussão:

No que tange as perseguições sofridas ao longo da História os terreiros resistiram, usando diversos mecanismos para prosseguirem na prática de suas crenças, em especial na região do Recôncavo baiano, onde a repressão não conseguiu evitar o crescimento desses terreiros. Essa resistência continua nos dias atuais com os movimentos sociais, que se organizam e se mobilizam em busca de afirmação dessas comunidades através de passeatas, seminários, conferências e consolidação de leis que garantem seus direitos, sobretudo no combate ao racismo e a intolerância religiosa. A maioria dos iniciados afirma praticar suas crenças como um legado:

[...] eu fui iniciado bem jovem e assim como meus irmãos e a maioria das pessoas que, que já são do terreiro. Eu fui iniciado aos quatro anos de idade, eu já fiz trinta anos iniciado. (SM3).

[...] eu já fazia parte da família do axé porque minha mãe já é feita, já tinha sido iniciada e por conviver no ambiente gostar se dá bem, e aí eu decidir com oito anos a entrar. Não só, decidir como tive com algumas precisões porque tem coisas que os médicos não resolvem só os Orixás. (SF1).

. Sobre a intolerância religiosa praticada por adeptos de outras religiões denunciam:

[...] Tem pessoas mesmo que falam pra mim, como evangélicos mesmo que falam pra mim assim: Há estou indo buscar Jesus. Isso é claro que busco Jesus. Eu tenho fé no meu próprio santo; e fé no meu próprio exú; se eu tenho fé em dá ele o que eu busco ali eu acho que eu tenho que

ta forte confiante nele pra vencer aquela batalha aquela demanda seja lá o que for. (SF2).

[...] as pessoas, das outras religiões se sentem acima são superiores são os donos da verdade, e isso acaba prejudicando muito porque as pessoas de terreiro de candomblé são pessoas mais simples, pessoas mais humildes, o candomblé não tem aquela, a doutrina de reunir, de tá conversando sempre, de tá fazendo aquela pregação que existe na igreja. (SM4)

[...] eles estão formando soldados contra a gente. Então isso é um absurdo. Agora assim, eles têm por obrigações por direitos eles acham que eles podem fazer soldados, formar soldados contra nós. (SF1)

[...] as pessoas vê, o próprio povo do santo vê as pessoas de outra forma entendeu aí começa a dizer: aí fulano vem cá queimar essas coisas.

Outro tipo de preconceito bastante frequente é percebido pelos adeptos quando frequentam espaços de consumo (supermercado, feiras, etc) com a finalidade de adquirir produtos usados em rituais tais como, velas, milho de pipoca entre outros.

[...] aí as pessoas olham, uns ficam cochichando falando que a compra é para utilizar para fazer macumba, e os outros se afastam. (SM8).

Em relação aos trajes usados em dias de reverências dos seus Orixás, muitos afirmaram sofrer preconceito quando circulam em espaços públicos ou no comércio da cidade

[...] todo de branco por ser sexta feira, onde as pessoas começam a falar, alí é de candomblé (SF6).

Diante dessas observações feitas, pode-se afirmar que combate à intolerância religiosa é uma ação estratégica essencial no contexto educativo para que as pessoas possam ter outra visão sobre as religiões de matriz africana, em que muitas das vezes são impressões formadas sem fundamentos a partir de noções preconcebidas estruturantes do preconceito.

O espaço institucional poderá proporcionar discussões verticalizadas a respeito das diferenças presentes, favorecendo o reconhecimento e a valorização da contribuição africana, dando maior visibilidade aos seus conteúdos até então negados pela cultura dominante. Esse tipo de ação promoverá um conhecimento de si e do outro em prol da reconstrução das relações raciais desgastadas pelas diferenças ou divergências étnicas.



Figura 1: Cartaz da Rede Baiana de Combate ao Racismo e intolerância religiosa.

É possível verificar que muitos terreiros não são apenas locais para celebração de cultos, eles cumprem também a função de espaços para moradia e contribuem indiscutivelmente para a educação social das pessoas orientando-as dentro de padrões éticos.

[...] a partir do momento que a minha mãe de santo faz tudo pela a gente né, não é preciso que a gente tenha um terreiro. (SF1).

[...] O todo poderoso no meu caso é Oxalá né que é Deus todo poderoso. Você querendo ou não querendo religião não salva, quem salva é a si próprio é os seus atos que você faz. (SF2).

Conclusões:

Dentre outros resultados, o estudo possibilitou a compreensão de que o reconhecimento dos valores religiosos de matriz africana pode vir a ser um importante instrumento de identidade e sentimento de pertencimento territorial contribuído para a resistência ao processo de intolerância religiosa. Ao reconstruir diferentes narrativas, o estudo adentrou em temas relevantes para o conjunto da sociedade com desdobramentos na educação para relações étnico-raciais, percebendo a necessidade de ações para afirmar a auto estima dos que professam ou simpatizam com as religiões de matriz africana e ainda, foi possível desvelar costumes, tradições e saberes do território com vistas a proporcionar os conhecimentos fundamentais para a compreensão crítica dos problemas para a intervenção no contexto social, político e cultural em que as comunidades de Terreiros estão inseridas.

Partindo do pressuposto, de que todos têm direito à educação independentemente da

diferença, mediante a obrigatoriedade legal e a articulação de políticas públicas, assim como as pressões de grupos organizados da sociedade civil que visam à universalização do ensino, por intermédio de uma educação inclusiva, existe uma grande parte da sociedade segregada do sistema de ensino, são essas comunidades de terreiros e de territórios quilombolas emergentes de uma dinâmica cultural contemporânea entre a ancestralidade e a globalização, da tradição e do descarte presente nos tempos atuais.

Apartir dos relatos é possível apreender que as comunidades reconhecem a importância da escola, e exigem dela outros compromissos além de instrução do conhecimento. Nessa dimensão a instituição deve implicar-se com a formação ética e social para a diversidade. É na escola que os estudantes, sobretudo, passam boa parte do tempo de suas vidas, mais tempo até do que com a própria família. É na escola que o preconceito precisa ser problematizado e debatido.

Nesse sentido, o sistema educacional não pode apoiar-se apenas na visão de mundo de um segmento eurocêntrico, impondo a exclusão dos outros grupos. Por outro lado, quanto ocorre a hegemonização do modelo exclusivista, ela tem impacto direto nas histórias e projetos de vida do afro-brasileiro e indígenas descendentes, obliterando os seus sonhos ao ver no outro aquilo que eles não são.

E assim sendo, as realizações pessoais e tornam-se mais difíceis de serem alcançadas. Desconsiderar a diversidade das diferentes matrizes em suas dimensões material e simbólica, traço singular da cultura brasileira, é um desafio contemporâneos à educação como opção política e pedagógica transgressora para o desmonte das estruturas que impõem, dentro e fora da escola, à desigualdade como norma.

Referências bibliográficas

- BATISTA, Fábio. Os Candomblés da Bahia: Tradições e Novas Tradições. Salvador: Arcadia; 2005.
- HALL, S. A identidade cultural na Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2014.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: ed. Vozes, 2010